

0051 - Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

*CESAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI<sup>1</sup>*

**“O FUTEBOL E IDENTIDADE NO RIO GRANDE DO SUL: CONFLITOS E  
CONVIVÊNCIAS ENTRE A PROVÍNCIA E A NAÇÃO”**

Apesar de já centenário no Brasil, o futebol ainda é um tema de pouca inserção acadêmica<sup>2</sup> assunto que ainda permanece em segundo plano nas preocupações acadêmicas (Isto ainda acontece mesmo que um historiador do quilate de Eric Hobsbawm afirmar que ele é – junto com o *rock'n roll* – o produto cultural mais universal nos dias atuais.<sup>3</sup>) No Brasil, este esporte tornou-se um dos mais emblemáticos símbolos da identidade nacional, dentro e fora do nosso país; como afirma Murad, “*O futebol é o ritual de maior substância da cultura popular brasileira, metáfora privilegiada das nossas estruturas básicas*”.<sup>4</sup>

Na esteira de Mário Filho, outros tantos jornalistas e cronistas dedicaram-se à divulgação e à discussão, muitas vezes acaloradas, sobre o futebol. Ao longo dos anos 40, toda uma gama de profissionais da imprensa especializara-se nos esportes, expandindo-se os espaços para as notícias e comentários sobre o futebol. De qualquer maneira, mesmo que houvesse muitos textos sobre o futebol brasileiro – crônicas dos acontecimentos, biografias de jogadores e dirigentes, histórias de clubes e selecionados – pelos jornalistas esportivos, essa generosidade não tinha uma contrapartida na academia.

Havia muito já que alguns dos principais escritores brasileiros repudiassem o esporte por ser modismo inglês das elites – tais como Lima Barreto e Graciliano Ramos – prognosticando-lhe uma rápida passagem. Outros autores importantes mostraram-se simpáticos ao futebol – como Lins do Rego, Érico Veríssimo, Monteiro Lobato, Jorge Amado, entre tantos – que crescia em popularidade e era aquele mais disseminado nos

---

<sup>1</sup> Professor Associado do Departamento de História e do PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> Neste sentido tenho o orgulho de ter criado a disciplina “História Social do Futebol” no Curso de Graduação em História da UFRGS, e que ainda é o único nas universidades do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos. O Breve Século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.196-197.

<sup>4</sup> MURAD, Maurício. *Dos Pés à Cabeça. Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p.16.

recantos de todo Brasil. No entanto, os pesquisadores das áreas Humanas custavam ainda a se interessar pelo tema.

Os primeiros estudos vieram da Antropologia, com os trabalhos pioneiros de Roberto Da Matta, que interpretou o futebol como um espaço de vivência onde aconteciam ritos de passagem – como aqueles que já observara para o carnaval – e se concentravam significados relativos às identidades sociais<sup>5</sup>. Na esteira destas abordagens aparecera, as pesquisas de Simoni Guedes – com a importante novidade de ser uma mulher a se envolver com uma prática quase exclusivamente masculina, tanto na sua prática como na seu espetáculo – realizados na Universidade Federal Fluminense (UFF); neles também existe a preocupação com as identidades, tratando das relações estabelecidas com o futebol e suas representações da nação, podendo se criar tanto uma “brasilidade” afirmativa como seu oposto<sup>6</sup>. A partir de 1990, estas iniciativas ganharam mais fôlego com a criação na do Núcleo Permanente de Estudos da Sociologia do Futebol pelos geógrafos Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenados por Maurício Murad; isto resultou no lançamento em 1994 da revista *Pesquisa de Campo*, dedicada ao tema.

Resultado da Tese de Doutorado de Leonardo Pereira na Universidade de Campinas (UNICAMP) foi publicado por este historiador o livro *Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, que se tornou referencial para a presença estreante da História no tema, abordando o futebol no Rio de Janeiro, procurando dar conta das complexas transformações que fizeram de um jogo restrito às elites aquele que seria o esporte preferido pelas camadas mais populares da sociedade<sup>7</sup>. Também no Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), os historiadores Francisco Carlos Teixeira da Silva e Ricardo Pinto dos Santos publicaram uma coletânea de textos sobre a História do Futebol<sup>8</sup>, que abordou comparativamente aspectos deste jogo no Brasil com outros países. Da mesma forma que os trabalhos pioneiros de Pablo Alabarces na

---

<sup>5</sup> DA MATTA, Roberto & al. *O Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

<sup>6</sup> GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo de Futebol: Estudos Antropológicos sobre os Significados do Futebol Brasileiro*. Niterói: Ed. da UFF, 1998.

<sup>7</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

<sup>8</sup> SILVA, Francisco C. T. da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). *Memória social dos esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad / FAPERJ, 2006.

Argentina<sup>9</sup> foram seguidos de outros estudos naquele país, onde o futebol foi introduzido muito antes, parece terem-se consolidado no Rio de Janeiro importantes núcleos de estudos sobre o futebol, em instituições universitárias reconhecidas.

Algumas iniciativas importantes se seguiram em São Paulo, resgatando a importância de estudos históricos sobre o futebol. Muito recentemente, as pesquisas do historiador Hilário Franco Júnior resultaram no livro *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*.<sup>10</sup> Já há algum tempo este autor coordena um curso de Pós-Graduação na Universidade de São Paulo (USP) sobre a temática; trata-se de uma análise da difusão planetária do futebol, e como isto se deu no Brasil, tecendo considerações semelhantes sobre os tempos mais recentes desta prática esportiva no mundo e entre nós; na parte final do trabalho elabora reflexões sobre leituras possíveis – que chamou de “metáforas” – do futebol nas diversas Ciências Humanas. Na seqüência, o professor de Literatura José Miguel Wisnik, também da USP, editou o livro *Veneno Remédio. O Futebol e o Brasil*<sup>11</sup>, onde procurou estabelecer como, ao longo do tempo, o futebol foi re-significado e representou distintas interpretações da realidade brasileira para seus agentes sociais. (É interessante observar que nenhum dos autores é um “especialista” no tema: Franco Jr. é professor de História Medieval, e Wisnik sequer é historiador.)

Já no Rio Grande do Sul, os estudos são ainda mais embrionários que em outras paragens. Dos poucos trabalhos acadêmicos sobre futebol, destaca-se a Tese de Doutorado de Gilmar Mascarenhas de Jesus, curiosamente um carioca oriundo da UERJ que fez seu curso no Programa de Pós-Graduaç. Autor já de diversos textos sobre futebol<sup>12</sup>, foi em *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma Geografia do Futebol e do seu Advento no Rio Grande do Sul* que este geógrafo desenvolveu sua principal contribuição para a compreensão do futebol enquanto fenômeno social da maior importância no país,

---

<sup>9</sup> ALABARCES, Pablo. Fútbol y Patria. *El Fútbol y las Narrativas de la Nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

<sup>10</sup> FRANCO JR., Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>11</sup> WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>12</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a "Pátria de Chuteiras": elementos para uma Geografia da difusão do futebol no Brasil. In: SCHÄFFER, Neiva & al. (org.) *Ensinar e Aprender Geografia*. Porto Alegre: AGB, pp. 93-103, 1998. Id. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, vol. 13, n° 23, 1999, p.17-39. Id. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. *Anos 90*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, n° 11, julho de 1999.

especialmente no caso do Rio Grande do Sul. Aplicando a Teoria das Redes de Difusão, o autor explica a disseminação mundial de um produto, o futebol, pelas malhas internacionais do capitalismo inglês, as redes do título; mas são as condições estruturas específicas de cada região, o enredo do lugar, que darão ou não as condições necessárias para que o futebol se transforme numa prática tão arraigada como aquelas mais tradicionais<sup>13</sup>. Assim, mesmo tendo usado as mesmas “redes de difusão”, o futebol prosperou no Brasil ou nos países do Rio da Prata, mas não encontrou boas condições na Venezuela ou na América Central, por exemplo.

Em relação ao Rio Grande do Sul, Gilmar Mascarenhas destaca duas situações peculiares como decisivas para uma implantação precoce em relação aos demais estados brasileiros, e para as características próprias desta prática esportiva no extremo sul: a vizinhança com os países platinos e a presença das áreas de colonização alemã. No primeiro caso foi através da fronteira uruguaia especialmente que o futebol tornou-se uma prática corriqueira em cidades fronteiriças sulinas mesmo antes de centros urbanos maiores; pelas “redes de difusão” ferroviárias, a bola vinha de Montevideú, onde o futebol já existia há décadas, para a estremadura brasileira. A outra condição foi importante porque já existia em Porto Alegre e noutras cidades do Rio Grande do Sul – muito antes disto ser aceito em outras capitais brasileiras – a presença de clubes e associações ligadas a uma série de atividades físicas; a principal delas era o *turnen*, que foi incorporado como um hábito dos imigrantes alemães, que compunham grande parte da população de centros como Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, além daqueles do vale do Rio dos Sinos.

Não menos importantes para o mapeamento do futebol no Rio Grande do Sul são as investigações do antropólogo Arlei Sander Damo. Profícuo na produção escrita sobre a temática<sup>14</sup>, foi no estudo das torcidas – e das identidades que se criam no âmbito dos aficionados pelo futebol – que o autor trouxe seus maiores aportes em relação ao futebol no Rio Grande do Sul. Além das investigações sobre os comportamentos das torcidas do Grêmio e do Internacional, paradigmáticos dos extremos que pode alcançar uma rivalidade

---

<sup>13</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP – Tese de Doutorado, 2001.

<sup>14</sup> DAMO, Arley Sander. *Para o que der e vier*. O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio de Football Portoalegrense e seus torcedores. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998. Id. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, Ano XVI, n°34, 2002, p.79-88. Id. *Do dom à profissão – a formação de futebolistas no Brasil e na França*. Editora: São Paulo: Hucitec, 2007.

no campo esportivo<sup>15</sup>, Damo escreveu um importante texto sobre como a identidade regional rio-grandense se expressava nas manifestações da torcida do Grêmio, quando enfrentava adversários de outros estados<sup>16</sup>. Parodiando o grito de guerra – *Ah! Eu tou maluco!*, das torcidas dos clubes do Rio de Janeiro, os gremistas bradavam – *Ah! Eu sou gaúcho!*, reivindicando um pertencimento regional como sua principal característica; a partir da pesquisa, o antropólogo discorreu sobre quais características auto-atribuídas pelos rio-grandenses em relação aos gaúchos do passado foram incorporadas àquela identidade formulada para os campos de futebol, tanto em relação ao jogo em si como à torcida.

O sociólogo Edison Luiz Gastaldo têm suas maiores preocupações voltadas para o tratamento que a imprensa dá ao futebol. A adaptação de sua Tese de Doutorado *A Nação e o Anúncio - a representação do 'brasileiro' na publicidade da Copa do Mundo* teve como resultado a publicação do livro *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o Brasil na Copa do Mundo*<sup>17</sup>, versando sobre os efeitos buscados pela publicidade em torno dos significados nacionais produzidos durante uma Copa do Mundo. Em 2002, Gastaldo foi co-autor de uma coletânea de trabalhos apresentados por ocasião do "Colóquio Interdisciplinar: Futebol, Mídia e Sociedade"<sup>18</sup>, mas a maior parte destes não era específica sobre o futebol praticado no Rio Grande do Sul. Na sua publicação mais recente, quando aborda o comportamento da imprensa durante a Copa do Mundo de 2002, o autor tangencia as questões relativas ao futebol gaúcho no tratamento que a mídia deu ao técnico Luiz Felipe Scolari, especialmente pela sua identificação com os estereótipos atribuídos aos gaúchos<sup>19</sup>.

Voltado para a implantação do esporte na região sul do estado, especialmente no município de Pelotas, o professor de Educação Física Luiz Carlos Rigo desenvolveu sua Tese de Doutorado *Memórias de um Futebol de Fronteiras*, que mais tarde seria publicada

---

<sup>15</sup> DAMO, Arlei Sander. *Futebol e Identidade Social: uma Leitura Antropológica das Rivalidades entre Torcedores e Clubes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

<sup>16</sup> DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol. 13, n°23, 1999, p.87-117.

<sup>17</sup> GASTALDO, Édison Luiz *A Nação e o Anúncio - a representação do 'brasileiro' na publicidade da Copa do Mundo*. Campinas: UNICAMP (Tese de Doutorado), 2000. Id. *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o Brasil na Copa do Mundo*. São Paulo: AnnaBlume, 2002.

<sup>18</sup> GASTALDO, Édison Luiz & ENDLER, Sérgio Francisco. *Verso e Reverso Especial: Futebol, Mídia e Sociedade*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

<sup>19</sup> GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni L. *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

como livro<sup>20</sup>. Mesmo que muito descritivo e pouco analítico, trata-se de um trabalho significativo, pois sai do âmbito mais restrito da prática esportiva em Porto Alegre, resgatando o papel protagonista dos clubes de Pelotas, tanto pela sua precocidade – o *Sport Club Pelotas* foi fundado em 1906 – quanto pelo pioneirismo em voltar-se para as camadas populares – caso do Grêmio Esportivo Brasil, de 1911 – numa época em que por todas as partes do Brasil o futebol pertencia às elites<sup>21</sup>.

Destaco também a Tese de Doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por Francisco Xavier Freire Rodrigues, vindo do Rio Grande do Norte. *Futebol de Civilização: fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro em uma época de globalização*, a produção acadêmica mais recente no Rio Grande do Sul<sup>22</sup>. Esta é uma importante contribuição sobre as significativas transformações ocorridas nos clubes de futebol brasileiros após a chamada Lei Pelé, que desfez os antigos vínculos profissionais que os jogadores de futebol tinham com as associações esportivas. Apesar de apresentar conclusões que podem ser generalizadas para outras regiões do país, a maior parte das fontes de pesquisa compulsadas nesta investigação diz respeito a futebolistas vinculados a clubes de futebol do Rio Grande do Sul, tanto da capital como de cidades do interior do estado.

Finalmente, em 2009 foi defendida a primeira Tese de Doutorado em História também da UFRGS, de autoria de Gerson Wasen Fraga, intitulada “*A Derrota do Jeca*” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950<sup>23</sup>. O trabalho apresenta uma série de novidades sobre o “grande trauma nacional” a partir de uma enorme expectativa criada pela imprensa que buscava coroar a afirmação do Brasil no mundo contemporâneo, e que se esborouo frente a uma inesperada vitória dos vizinhos uruguaios. (Esquecia a mesma imprensa que a Seleção Uruguia já havia derrotado o Brasil

---

<sup>20</sup> RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado em Educação), 2001. Id. *Memórias de um Futebol de Fronteira*. Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

<sup>21</sup> Curiosamente foi Aldyr Schlee, um jovem intelectual de Jaguarão, cidade na linha da fronteira com o Uruguai, que criou o atual uniforme “canarinho” da Seleção brasileira para substituir o anterior, associado ao fracasso de 1950; esta nova roupa é praticamente igual àquela usada pelo Sport Club Pelotas. Ainda mais estranho é o fato de Schlee ser torcedor do Grêmio Esportivo Brasil e da Seleção do Uruguai!

<sup>22</sup> RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *Futebol de Civilização: fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro em uma época de globalização*. Porto Alegre: UFRGS, PPG em Sociologia (Tese de Doutorado), 2007.

<sup>23</sup> “*A Derrota do Jeca*” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: PPG em História da UFRGS (Tese de Doutorado), mimeo, 2009.

neste mesmo ano, e que ambas as equipes eram muito inferiores ao selecionado argentino da época, cuja Associação de Futebol Argentino (AFA) negava-se a disputar os mundiais por estar em litígio com a FIFA.

Assim, é possível afirmarr que os estudos sobre futebol no âmbito das Ciências Humanas das universidades rio-grandenses são ainda precários; além do mais, a maior parte destes poucos trabalhos que abordam aspectos históricos daquele esporte no estado foram resultado de pesquisas realizadas por investigadores que não são historiadores de ofício. Os estudos e pesquisas relacionadas ao futebol do Rio Grande do Sul dizem respeito às peculiaridades historicamente construídas: a identidade rio-grandense, que foi simbolizada na figura mitológica do gaúcho histórico, teve e tem no futebol uma expressão que é hoje, talvez, aquela que produz mais intensos significados de pertencimento. Através da história da implantação e desenvolvimento deste esporte no Rio Grande do Sul, esperamos alcançar como se produziu o “futebol gaúcho”. Assim, aparecem, em relação ao futebol do Rio Grande do Sul, algumas formações discursivas que estão quase sempre presentes para explicar os problemas enfrentados pelo estado em suas disputas com a instância governativa nacional ou com outros estados: um discurso de “crise”, que evoca uma “nostalgia” do passado, que procura produzir uma identidade contra os “outros”.

Isto está imbricado noutra questão que diz respeito às noções de pertencimento e identidade futebolísticas referentes ao Estado nacional. A preocupação das autoridades brasileiras em relação ao esporte se tornou mais efetiva após a Revolução de 30, especialmente depois da implantação do Estado Novo. Não só o a Seleção Brasileira passa a receber apoio governamental, que incluía a participação na Copa do Mundo de 1938 na França, mas também discussões sobre a profissionalização dos jogadores de futebol, um longo processo que aparentemente recém se encerra. Como em diversos outros lugares, a representação nacional era projetada no selecionado, o que lhe conferia também uma projeção dos destinos de todos.

Neste sentido, vale pensar que somente a partir da Revolução de 30, quando se promoveu a construção do Estado burguês no Brasil, pode-se pensar na construção de uma identidade nacional que superasse aquelas regionais herdadas do período imperial. Assim sendo, faz-se necessário refletir sobre questões identitárias numa região fronteira, e que a duras penas aderiu ao projeto nacional no final do século XIX. Partindo de uma já clássica

concepção de nação<sup>24</sup>, ela pode ser pensada como uma comunidade formada por pessoas que muito provavelmente jamais se vejam, e que tem na imprensa um importante veículo capaz de canalizar as aspirações de todos. O futebol quando coloca em jogo as cores nacionais contra outras seleções nacionais, representaria aquela “comunidade imaginada”.

A discussão da formação nacional na América Latina passa por isto. Este “proto-nacionalismo”, que alguns autores valorizam<sup>25</sup>, dificilmente poderia ser aplicado para os países americanos que, ao lutar contra as amarras coloniais, afastavam as noções de pertencimento às metrópoles ibéricas. Aqui é mister salientar as resistências ao Estado-nação que atravessaram o século XIX. Assim, as instituições políticas que resultaram da descolonização americana foram as províncias: eram aquelas unidades onde grupos dominantes locais eram capazes de organizar a estrutura produtiva e a propriedade da terra, controlar a mão-de-obra, e garantir uma certo grau de ordem e segurança; partindo desta constatação, foi construído o conceito de “região-província” para as unidades que resistiram à formação dos Estados nacionais.

Este conceito poderia ser pensado para o Rio Grande do Sul desde o século XIX em relação aos governos centrais, não aceitando as interferências do Império primeiro, e da República mais tarde.<sup>26</sup> Durante a chamada República Velha, quando a acomodação dos interesses estaduais configurou o que os historiadores conhecem como “pacto dos governadores”, as autonomias regionais se expressaram também nas produções culturais respectivas. Na extremadura sulina, houve uma profícua difusão de obras literárias, folclóricas e históricas que procuravam uma identidade própria para o estado. É da virada do século a recuperação do gaúcho histórico como o legítimo representante do passado rio-grandense, e as elites políticas foram capazes de usá-lo para representar a identidade regional; este processo foi tão bem sucedido, que desde então gaúcho passou a ser o termo genérico para designar os nascidos no Rio Grande do Sul.

Até os anos 30, a elaboração do passado rio-grandense priorizava dois aspectos: a presença da fronteira como uma marca distintiva em relação às demais unidades da

---

<sup>24</sup> ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983, p.6

<sup>25</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

<sup>26</sup> GUAZZELLI, Cesar A. B. *O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. Tese de Doutorado (mimeo).

federação, e uma população de origem européia que seria – nesta interpretação – predominado em relação a outras etnias; o Rio Grande era um estado “branco” e mais “acastelhanado”, por tanto inconfundível com o Brasil mestiço e francamente português nas suas origens. De certa maneira, o futebol no Rio Grande do Sul foi muito influenciado por estas tentativas de explicação para as peculiaridades regionais.

A par disto, o futebol foi usado para reforçar a autonomia e a identidade provinciais, assumindo um papel de “integrador” do território rio-grandense: com incentivo à criação de clubes de futebol, praticamente em todas as regiões se praticava o esporte<sup>27</sup>; isto permitiu a precoce realização de um campeonato estadual em 1919, quando em outros estados, mesmo Rio e São Paulo, os torneios se restringissem às capitais. Além disto, o futebol do Rio Grande do Sul foi pioneiro no enfrentamento com os países do Rio da Prata, onde o futebol era mais antigo que no Brasil: no ano de sua fundação, o *Sport Club* Rio Grande jogou contra uma associação uruguaia, o que se repetiria com times formados na zona sul e na fronteira oeste; em 1914 foi formada a primeira Seleção do Rio Grande do Sul para bater-se contra um selecionado uruguaio, com a realização de jogos em Porto Alegre e Pelotas.

Os campos de futebol reproduziam simbolicamente as batalhas contra os “castellanos” do século anterior, e o Rio Grande fazia às vezes de “pequena pátria” como fizera no passado. Assim, o futebol no extremo sul era praticado por homens que tinham por detrás uma tradição de enfrentamento com os rigores da natureza e com os inimigos nas guerras platinas; transplantava-se para os jogos de futebol aqueles atributos que tinham sido conferidos aos gaúchos do passado, e o esporte no Rio Grande do Sul vestia-se de características próprias que, se não eram necessariamente opostas àquelas pensadas para o “estilo brasileiro”, não se confundiam com estas. A identidade regional se fazia presente de forma marcante no futebol – que passou a merecer o epíteto de “gaúcho” –, uma projeção muito mais visível que os peões de estância descendentes dos gaúchos do passado.

Hilário Franco Jr. afirma: “*Torcer por um clube de futebol é das atividades mais intensas da sociedade contemporânea*”<sup>28</sup>. No Rio Grande do Sul a adesão aos clubes de futebol é maior que nos outros estados, o que muitos também atribuem à influência platina; também a acentuada bipolarização, que é assemelhada àquela que ocorre na política,

---

<sup>27</sup> JESUS 2001, op. cit., p. 207.

<sup>28</sup> FRANCO Jr., op. cit., p. 311.

também é uma semelhança com os vizinhos. Este fanatismo clubístico muitas vezes se expressou em revoltas contra os centros de decisões, invariavelmente confederações e tribunais vistos como opressores; a imagem construída para a província se expressa nos campos de jogo, já que não mais existem ou são cabíveis os de batalha. Para compreender o papel social que o futebol assumiu no Rio Grande do Sul, e em que medida isto foi importante para re-significar a identidade regional, é fundamental este aporte teórico sobre a prática do esporte, sobre a formação da nação, e o conflito de identidades que muitas vezes se manifesta entre a nação e a região.

Repensar a implantação e primeiros passos do futebol no Rio Grande do Sul importa em colocar em cheque as explicações mais “naturalizadas” que muitas vezes permeiam as análises realizadas. A presença de alemães ou de uma fronteira do estado com países que no passado disputaram a apropriação do território, não significa que, necessariamente, o futebol tenha assumido um viés mais “europeu” ou mais “castelhano” diferenciando-se daquele reconhecido como brasileiro. As discussões sobre isto na mídia se expressam usualmente pela dicotomia “futebol-arte” e “futebol força”, e seria muito interessante observar como isto se constituiu na imprensa do Rio Grande do Sul.

Analisar a forma o futebol “gaúcho” foi visto em comparação com aquele praticado nos grandes centros – valer dizer Rio de Janeiro e São Paulo – pode trazer elementos que permitam uma melhor compreensão de como a questão regional é transmitida pela mídia; o futebol, assim como outras tantas manifestações culturais do Rio Grande do Sul, sofreria rechaço por parte dos que dirigem os destinos nacionais como forma de garantir privilégios, historicamente contrários aos interesses do estado. Poucas coisas permitem que se manifeste tanto o sentimento disseminado de desprestígio que, de tempos em tempos, sentem os rio-grandenses em relação ao conjunto nacional: o futebol “gaúcho” reproduz em grande medida os problemas que atingem outros segmentos “gaúchos”: esta “nostalgia” remete a este passado mitológico no qual o Rio Grande fez valer a sua força contra os inimigos fronteiriços e em favor de uma entidade magna, o reino português ou o Império do Brasil, resgatando-se um papel de proa – sempre em referência ao presente de “crise” – como defensor primeiro da própria nacionalidade. Na medida em que perde seu reconhecimento, motivando a “nostalgia”, esta é usada para mobilizar a “identidade” de todos os rio-grandenses.

O futebol não fugiria a estas circunstâncias. Os futebolistas rio-grandenses têm em geral consciência de estarem em segundo plano em relação ao Rio de Janeiro e a São Paulo, durante quase toda a história do futebol no Brasil. Mas esta conformidade não se estendia às “injustiças” cometidas nos grandes centros, prejudicando clubes regionais em certames nacionais, boicotando a presença de jogadores “gaúchos” para seleções brasileiras ou desmerecendo as características próprias do futebol praticado na estremadura. Nestes momentos, convenientemente explorados pela mídia, pelas lideranças políticas, pelos clubes e federações locais, se recria a identidade regional-provincial, e o Rio Grande se dispõe a combater as forças, que desde a nação que lhe vira as costas, se alçam contra o futebol “gaúcho”<sup>29</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria. El Fútbol y las Narrativas de la Nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983
- BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DAMATTA, Roberto & al. *O Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arley Sander. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol. 13, nº23, 1999, p.87-117.
- \_\_\_\_\_. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, Ano XVI, nº34, 2002/1, p.79-88.
- \_\_\_\_\_. *Futebol e Identidade Social: uma Leitura Antropológica das Rivalidades entre Torcedores e Clubes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

<sup>29</sup> GUAZZELLI, Cesar A. B. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da “província de chuteiras”. *Anos 90 (Revista do PPG em História)*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, nº. 13, jul. 200º, p.21-50.

- FRAGA, Gerson Wasen. *"A derrota do Jeca" na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, Tese de Doutorado (mimeo), 2009.
- FRANCO JR., Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GASTALDO, Édison Luiz *A Nação e o Anúncio - a representação do 'brasileiro' na publicidade da Copa do Mundo*. Campinas: UNICAMP (Tese de Doutorado), 2000. Id. *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o Brasil na Copa do Mundo*. São Paulo: AnnaBlume, 2002.
- GASTALDO, Édison Luiz & ENDLER, Sérgio Francisco. *Verso e Reverso Especial: Futebol, Mídia e Sociedade*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.
- GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni L. *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. Tese de Doutorado (mimeo).
- \_\_\_\_\_. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da “província de chuteiras”. *Anos 90*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, n° 13, julho de 2000, p.21-50.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo de Futebol: Estudos Antropológicos sobre os Significados do Futebol Brasileiro*. Niterói: Ed. da UFF, 1998.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP – Tese de Doutorado, 2001.

- \_\_\_\_\_. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, vol. 13, n° 23, 1999, p.17-39.
- \_\_\_\_\_. Construindo a "Pátria de Chuteiras": elementos para uma Geografia da difusão do futebol no Brasil. In: SCHÄFFER, Neiva et al (orgs.) *Ensinar e Aprender Geografia*. Porto Alegre: AGB, pp. 93-103, 1998 (b).
- MURAD, Mauricio. *Dos Pés à Cabeça. Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um Futebol de Fronteira*. Pelotas: Ed. UFPel, 2004.
- RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *Futebol de Civilização: fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro em uma época de globalização*. Porto Alegre: UFRGS, PPG em Sociologia (Tese de Doutorado),
- SILVA, Francisco C. T. da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). *Memória social dos esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad / FAPERJ, 2006.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.